

Relevância Contemporânea

Sueli Andruccioli Felix

Como citar: FELIX, S. A. Relevância Contemporânea. *In* : FELIX, S. A. **Geografia do crime:** interdisciplinaridade e relevâncias. Marília: Marília-Unesp-Publicações, 2002. p.127-134. DOI: <https://doi.org/10.36311/2002.85-86738-23-9.p127-134>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

RELEVÂNCIA CONTEMPORÂNEA

Mesmo sendo os padrões criminais variáveis no tempo e no espaço, existe um comportamento criminal relativamente previsível, que tem propiciado o desenvolvimento de sistemas de auto-proteção, através da adoção de sistemas individualistas e/ou coletivistas de segurança física como, por exemplo, a construção de postos policiais.⁴²

Paradoxalmente, o medo tanto pode inibir ações cooperativas contra o crime quanto encorajar estratégias individualistas em nível residencial. A utilização de animais em residências, o *design* de certas construções (grades de proteção, muros altos, vitrôs pequenos e altos etc.), a criação de guardas particulares, a manutenção de luzes acesas no interior das casas, o surgimento de bairros fechados etc., são positivamente relacionados com o medo do crime. A exploração deste medo e a ansiedade da população é visível em diversos setores e explorado das mais diversas formas, que vão desde o *marketing* político (eleitoreiro) até o financeiro (imobiliário). Atualmente os anúncios de compra e venda de imóveis estão dando maior destaque à segurança do que ao próprio conforto habitacional.

O medo e a necessidade de proteção crescentes estão se refletindo nas diversas formas de aproveitamento do espaço e transformando todo o *design* das estruturas urbanas. Este impacto da violência sobre o espaço está sendo analisado pelos planejadores urbanos que, ao invés de acessibilidade, estão cada vez mais preocupados em desenvolver projetos que garantam mais segurança aos cidadãos:

novas cidades defensivas vêm ressurgindo, em razão da violência urbana, à semelhança do que ocorria na Idade Média e que historicamente sabe-se que, quando as instituições políticas não conseguem proteger as pessoas, elas mesmas disso se encarregam. Portanto, menos por ações públicas do que por iniciativa dos moradores ou dos construtores, surgem modalidades residenciais que tentam oferecer o máximo de segurança (guaritas, circuitos fechados de TV, porteiros eletrônicos, condomínios fechados). Vende-se hoje, juntamente com o imóvel, o lazer e a segurança. (GOLD, 1970 apud MASSENA, 1986)

⁴² Moradores da Capela do Socorro (extremo sul de S. Paulo) construíram três postos policiais no bairro através de doações de material e dinheiro pelos moradores e de pessoal pela Guarda Civil Metropolitana. A medida reduziu o número de delitos

8.1 A indústria da segurança

O “mercado de segurança” talvez seja o mais promissor atualmente e vem crescendo de 30% a 40% ao ano e com tendências de aceleração, já que o medo e a insegurança estão crescendo ainda mais que os índices criminais (há quem afirme que enquanto o crime aumenta em progressão aritmética, o medo cresce em progressão geométrica). Os mecanismos de segurança abrangem desde os tradicionais cães de guarda até os mais modernos alarmes, que disparam em central informatizada que, ato contínuo, aciona a polícia. De cães eletrônicos que “latem” através de um sampler, que dispara toda vez que se adentra a sua esfera de atuação (um raio de 20 metros e 110 graus de abertura) a bonecos imitando seguranças, a indústria da segurança privada gastou cerca de US\$ 15 bilhões e empregou 500 mil pessoas como vigilantes de prédios, bancos e firmas entre 1993 e 1994, segundo o economista Ib Teixeira, da Fundação Getúlio Vargas (FOLHA DE SÃO PAULO, 1 maio 1995). O setor de seguros cresceu 63% no período, consumindo US\$ 11 bilhões. Equipamentos de segurança como blindagem, alarmes, gradeamentos e o pagamento de resgates e extorsões é calculado em mais de US\$ 2 bilhões, do que foi possível calcular. No total, a indústria da violência leva do setor privado da economia nacional US\$ 28 bilhões por ano - 6,4% do PIB brasileiro.

Além do medo do delito, especificamente, hoje ainda se soma a insegurança com relação à cobertura ideal das seguradoras, por ocasião do pagamento do prêmio. A vulnerabilidade ambiental pode aumentar a frequência de certos delitos, provocando duas atitudes principais por parte das empresas de segurança: a obrigação do segurado se auto-proteger, com sistemas de alarme (o que faz a felicidade dos especialistas em proteção), e a cobrança de taxas extras para locais de maior periculosidade.

8.2 O ambiente na análise da criminalidade

A relação entre vulnerabilidade ambiental e crime vem sendo pesquisada desde os tempos de Mayhew (1862), Shaw e Mckay (1942) e atualmente tem recebido especial atenção dos estudos geográficos, influenciados pela Escola de Chicago.

Desenvolvendo e reformulando a tradição ecológica, as pesquisas no campo da criminologia ambiental têm mostrado interesses mais explícitos pelos lugares, como um parâmetro significativo para alguns eventos criminais. Os criminólogos ambientais estão se valendo das teorias defensivas de Newman ao destacar o espaço e a ofensa, nas suas investigações, em detrimento do ofensor, especificamente.

A prevenção ao crime dá ênfase às qualidades ambientais de construção e aos modos como os *designs* ou *layout* podem reduzir a sua vulnerabilidade ao crime. Isto é possível, segundo Herbert & Harries (1986), aumentando a segurança nos espaços entre os edifícios ou eliminando traços fisionômicos específicos como *walkways*, que são considerados de efeitos prejudiciais.

Embora o ambiente social seja mais relevante na prevenção do crime, a sensação de segurança aumenta com o desenvolvimento de novas técnicas defensivas. A análise criminológica não poderá se desenvolver, se não levar em conta as condições estruturais dos ambientes. Bennet (1989 apud HERBERT, 1993), estudando o papel da escolha do alvo para arrombamentos residenciais (*burglary*), descobriu que o risco da ação, representado pela acessibilidade ao alvo e as condições de seu ambiente imediato, tem maior peso para o ofensor que a própria recompensa do ato.

As regiões centrais de áreas metropolitanas, espaços típicos de degradação social, transformaram-se em espaços de medo onde atuam certos delinquentes, como os *trombadinhas*, durante o dia, e assaltantes (à mão armada) a qualquer hora, mas especialmente à noite e em ruas pouco movimentadas ou mal iluminadas. Neste sentido, o espaço de pobreza e degradação social coincide com o da criminalidade que o faz temido e evitado.

8.3 A incivilidade e o crime

As condições que fazem certas áreas serem mais propensas à vitimização ou a inspirar mais medo que outras estão sendo investigadas por Herbert (1993) através do índice de

incivilidade como indicador de qualidade de vida em setores residenciais públicos (figura 4).⁴³

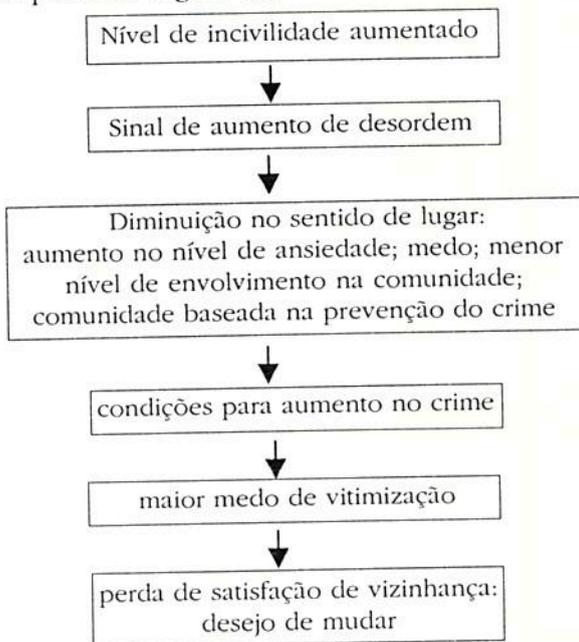


FIGURA 4 - Modelo de incivilidade e vizinhança

FONTE: HERBERT, D. 1993

Pelo esquema acima, incivilidade e crime estão altamente correlacionados, sendo que aquela está diretamente ligada à perda do controle social e ao medo do crime. A perda de confiança na vizinhança é condição tanto para incidentes de crime como para o medo de vitimização. A análise mostrou que o nível percebido de incivilidade dentro da área residencial está fortemente ligado à experiência de crime e à insatisfação com a vizinhança como um lugar para se viver. O medo do crime foi significativa e independentemente relacionado a ambos: experiência de vitimização e nível percebido de incivilidade.

⁴³ Para compor o índice de incivilidade, Herbert analisou 6 tópicos: lixo, cachorros, ruas iluminadas, gangues de jovens,

O medo do crime pode estar ligado às condições do imóvel. Smith (1989 apud HERBERT, 1993) afirmou que uma variedade de incivildades de vizinhos, incluindo lixo, grafite, propriedade danificada, vagabundos e gangues de jovens, tendem a ser interpretados como evidência de criminalidade.

As noções de incivilidade de vizinhança (neighbourhood incivilities) já são objetos de estudos geográficos há algum tempo. Recentemente, a Geografia do Crime tem se preocupado com a dimensão da incivilidade na reordenação espacial, e a sua relação com outros indicadores chaves como a experiência de crime, o medo do crime e a satisfação com a vizinhança. Por extensão, a incivilidade determina uma percepção espacial de temor, de quebra total nos relacionamentos sociais e que, vis-a-vis, provoca mais medo e condições mais propícias para o aumento da criminalidade.

8.4 Desvalorização imobiliária

A criminalidade não se limita aos espaços de incivilidade ou a outros específicos, como o centro da cidade, bairros pobres e favelas. Dissemina-se pelos ambientes mais abastados de classe média e alta que, além do medo em si, está provocando um outro fenômeno altamente temido por esse segmento social: a desvalorização imobiliária. A atuação de ladrões diminui o preço de casas e valoriza o de apartamentos. Mesmo consciente de que a segurança em apartamentos é apenas uma questão de *marketing*, pois essa falsa idéia atomisa a prevenção, o setor imobiliário tem se valido da criminalidade para fins comerciais, explorando o fator segurança no comércio dos seus imóveis.

Com relação aos apartamentos, especificamente, de acordo com os dados policiais, se em 1985 as casas eram 13.5 vezes mais assaltadas que os apartamentos na cidade de São Paulo, em 1990, este índice já havia caído para 7 vezes. Processo contínuo, a tendência se reverterá com o tempo. De 1985 a 1990, o índice de furtos e roubos a apartamentos cresceu 390%, contra 154% de casas (FOLHA DE SÃO PAULO, 1 dez. 1991).

A violência continuará, independente das mudanças ambientais, com desenvolvimento de novos *designs* ou do uso de novas técnicas defensivas, que só controlarão temporariamente a criminalidade. É o que se vê atualmente nos bairros de classe sócio-econômica mais alta. Os sofisticados sistemas de segurança, ao invés de inacessibilidade, estão criando criminosos mais refinados. Quanto mais difícil o acesso ao alvo, mais elaborado tem que ser o ataque e mais compensatório deverá ser o fruto deste trabalho. Isto implica um planejamento melhor e o desenvolvimento de técnicas ofensivas mais elaboradas e, portanto, crimes mais difíceis de serem contidos ou solucionados.